

PRÁTICAS DE LEITURA E EXCLUSÃO SOCIAL: O CASO DE DUAS LOCALIDADES RURAIS – PAREDÃO E COSTA DO BICA (PIRATINI/RS)

DARLENE ROSA DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS).

Resumo

O presente trabalho é parte da pesquisa de dissertação de Mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, seguindo a linha de pesquisa “Cultura Escrita, Linguagem e Aprendizagem” e, tendo a orientação da Profa. Dra. Eliane Peres. O objetivo da pesquisa foi conhecer as condições sociais, culturais e educacionais das pessoas que residem nas localidades do Paredão e da Costa do Bica, zona rural do município de Piratini/RS. Através de entrevista estruturada pode-se delinear o perfil educacional, cultural e socioeconômico de 114 famílias, totalizando 344 sujeitos, entre homens, mulheres e crianças. Além deste levantamento, também, foram realizadas em algumas famílias, entrevista semi-estruturada, para conhecer e entender os motivos que levaram alguns sujeitos a não estudarem ou a não terem dado continuidade aos estudos. Muitas histórias se destacaram nesta pesquisa, como por exemplo, pessoas que não tiveram oportunidade de frequentarem a escola, mas que depois de adultas alfabetizaram-se sem intermédio desta. Os primeiros resultados apontam que 41% das pessoas que lá residem são descendentes indígenas e, 21% de suas casas são de barro e santa-fé. Além deste dado pode-se constatar que 39% dos moradores do Paredão (sujeitos que não frequentam mais a escola ou nunca frequentaram) são analfabetos absolutos, e na Costa do Bica este dado é representado por 45% dos habitantes. Destaco ainda, que muitas pessoas vivem excluídas socialmente nestas localidades, sem energia elétrica, água encanada e até mesmo ônibus coletivo. A investigação teve grande significado, pois permite refletirmos sobre a história de sujeitos “comuns”, vinculados a contextos marcados pela oralidade, além de compreendermos as dinâmicas de aprendizagem não-escolares, que possibilitaram a inserção de indivíduos na cultura escrita. Foram utilizadas como referências teóricas: Abreu (2004), Brito (1996), Hèbrard (1996 e 2001) e Ferraro (2002 e 2004).

Palavras-chave:

Exclusão, Analfabetismo, Práticas de leitura.

O chão da pesquisa

Este trabalho tem como objetivo apresentar dados quantitativos da pesquisa de campo realizada entre os meses de janeiro e fevereiro de 2008 nas localidades do Paredão e da Costa do Bica, zona rural do município de Piratini, no Rio Grande do Sul. A referida pesquisa teve como intenção conhecer “o nível de escolaridade da população residente nas localidades do Paredão e da Costa do Bica, ambas no 3º Distrito do município de Piratini/RS[1]”. Para isso, foram levantados dados de cento e quatorze famílias, perfazendo um total de 344 pessoas.

A partir destas abordagens foram coletados alguns depoimentos, através de entrevistas semi-estruturadas. Para este artigo, além de apresentar os dados quantitativos desvelados através da pesquisa de campo, será apresentado fragmentos da história de vida de uma moradora que aprendeu a ler e a escrever sem o intermédio de uma escola. Para o caso que será analisado nesse texto, utiliza-se o termo “inserção na cultura escrita” no sentido do domínio e das práticas sociais efetivas de leitura e de escrita[2].

O interesse pela pesquisa nestas duas localidades[3], que são próximas uma da outra, deu-se de imediato pela oportunidade de ter como sujeitos de pesquisa, pessoas que na sua maioria são descendentes indígenas. A pesquisa revelou que na localidade Paredão, dos cento e cinquenta e quatro moradores, 57% se autodeclararam indígenas, 40% brancos, 2% afro-brasileiros e 1% não responderam. Na localidade da Costa do Bica, das cento e noventa e duas pessoas, a porcentagem de descendentes indígenas é menor, sendo apenas de 27%; e a maioria, 73%, se autodeclararam brancos.

É interessante ainda destacar as condições de vida destes sujeitos, visto que muitas famílias moram em casa de barro e santa-fé[4], sem água encanada e banheiro no interior da casa.

A habitação de barro e de santa-fé, com 35% das residências, resiste até hoje no Paredão. A casa de tijolos está representada por 37%. A casa de tábuas, 25%; e a residência construída de pedra, 3%.

Já na localidade da Costa do Bica a pesquisa revelou que o número de casas de barro e de santa-fé é bem menor que na outra localidade, com apenas 7%. O que predomina é o tijolo como material de construção, com 51%; seguido pela tábuas, com 42%.

Destaco ainda, que muitas pessoas vivem precariamente nestas duas localidades, sem energia elétrica, sem água encanada e banheiro no interior das casas. O "banheiro no mato" está representado por 51%, como afirma uma senhora moradora na localidade Paredão, quando instada a responder se há banheiro em sua casa de barro: *"não tem nada, nada cê, é tudo no mato. Banho no arroio"* (D. Abrilina, 80 anos de idade, 26/01/2008). Na casa desta senhora também não há energia elétrica. Entretanto, nas duas localidades em pesquisa, o percentual de residências sem energia é de 14%, já as que a possuem, fazem uso há aproximadamente três anos. Além disso, a falta de água encanada é outro problema que atinge a 32% dos moradores, que buscam água em arroios ou cacimbas. O relato de dona Iraci, também residente no Paredão, é uma síntese dessas dificuldades:

Uma coisa que eu tenho pa ti dizê, ansim, as vês eu fico pensando, eu sô batizada, né, sabe? Batizada nas água, e eu fico pensando ' _ se Deus me ajudasse que eu fizesse uma casinha e pudesse butá água em casa', era uma maravilha. Qué vê meu braço deu carrega água? Ontem eu mostrava pa minha fia ' _ minha fia olha aqui, tá até criando caroço de carregá água' (IRACI, 58 anos de idade, 26/02/2008).

Outros aspectos foram encontrados naquela região. Os meios de comunicação: telefone, aparelho de TV e rádio não é a maioria das pessoas que usufruem. Predomina o rádio com 82%, seguido pelo aparelho móvel de telefonia, onde 71% das famílias possuem, mas é importante ressaltar que muitas pessoas salientaram que ter o aparelho não significava usá-lo constantemente, visto que elas têm que se deslocarem para lugares mais elevados da localidade para conseguirem sinal. No caso da televisão, 36% dessas famílias não têm, por ser este um meio de comunicação mais caro, tendo que adquirir não só o aparelho de TV, mas também, a antena parabólica. As pessoas se deslocam de um lugar para o outro a pé. São poucas as famílias que usufruem o carro de boi. E apenas 17% das pessoas possuem moto ou automóvel.

Na localidade Costa do Bica não há linha de ônibus coletivo e, no Paredão tem em cinco dias na semana, saindo às 5h 45min da manhã em direção ao perímetro urbano do município e retornando às 20h.

Sobre a escolaridade, os gráficos (anexos 1 e 2) mostram que dos sujeitos pesquisados que estão fora da escola ou que nunca tenham entrado em uma, prevalece o analfabetismo. Cabe também, ressaltar que na localidade Costa do Bica não houve o registro de nenhuma pessoa com ensino superior.

Na esfera das relações político-sociais, todas as modalidades de não acesso aos serviços de saúde, educação, previdência, habitação, amparo legal, etc. podem ser descritas como aspectos, singulares ou acumulados, de exclusão dos direitos de cidadania (OLIVEIRA, 2004, p.155).

Outra informação importante a ser nomeada é que havia no Paredão e na Costa do Bica sessenta e seis estudantes e vinte crianças que não estavam em idade escolar.

Com estes dados muitas inquietações surgiram, principalmente com relação à escolaridade ou à (não) escolaridade destas pessoas e, então, foram realizadas algumas entrevistas para saber o que as pessoas têm a dizer sobre sua condição de analfabetos ou de alfabetizados.

A ficha investigativa, entrevistas e observações realizadas com as cento e quatorze famílias pesquisadas mostraram o perfil educacional, cultural e socioeconômico do Paredão e da Costa do Bica, porém, neste artigo, a investigação será centrada na trajetória de uma mulher que durante anos acalentou o desejo de dominar as práticas de leitura e escrita e, tão somente pelo esforço pessoal realizou o sonho.

"Depois de eu começar a ler uma coisa eu me perco".

(Beloni, 07.01.2008)

As palavras acima demonstram a relação de dona Beloni com a leitura, uma mulher indígena, de 50 anos de idade, que longe da escola aprendeu a ler e a escrever depois de adulta e, a partir de então, passou a "perder-se" ao iniciar uma leitura. A inserção dessa mulher na cultura escrita demonstra de forma singular os processos individuais e estratégias de aprendizagem, além de evidenciar a variedade de materiais escritos que podem constituir-se como suporte para a aprendizagem.

Há oito anos o Jornal Zero Hora, ao realizar uma reportagem sobre a localidade Costa do Bica, intitulada "mundo esquecido no coração do Rio Grande: comunidade de descendentes de índios tupis-guaranis e tapes vivem longe da civilização e tentam manter suas propriedades, resistindo aos apelos da vida urbana" (SCHAFFNER, 2000, p. 42), e ainda:

Com um baixíssimo índice da alfabetização, a saúde confinada às ervas medicinais e a alimentação baseada na agricultura de subsistência, 40 famílias do lugarejo Costa do Bica, descendentes de índios tupi-guaranis e tapes, resistem ao êxodo rural clamando por empregos e incentivos à produção agropecuária (p. 42).

A matéria centrava-se na história de um casal de moradores da localidade, João e Beloni, salientando a questão do analfabetismo na região (SCHAFFNER, 2000):

A família do agricultor João de Moura Porto é uma síntese do grupo. Morando numa área de 45 hectares e com seis filhos, dos quais só um nasceu no hospital, João e a mulher Beloni são analfabetos e estão prestes a perder a própria casa. A propriedade, em nome do pai de Beloni, está à venda. Em meio à angústia, dividem o tempo entre os afazeres rurais e a espera pelo ônibus escolar e a visita mensal de uma enfermeira da Secretaria Municipal de Saúde - raras presenças urbanas em meio a uma imensidão de fragilidades do cotidiano rústico e quase imaculado, (p. 42).

Junto à reportagem podia ser observada a foto do casal de agricultores em sua casa de barro e santa-fé[5]. A partir da releitura da reportagem do jornal Zero Hora e do contato pessoal com o casal em 2008, pode-se vislumbrar outros aspectos dessa história, em especial a "vitória" de dona Beloni contra o analfabetismo.

Dona Beloni é agricultora, mãe de seis filhos, mora com o marido, João, e quatro de seus filhos. A família hoje não habita mais a casa de barro e santa-fé, mas um prédio cedido pela prefeitura municipal de Piratini, local onde funcionou uma escola. Em 2000, na entrevista ao jornal Zero Hora, o casal aparece como "analfabetos". No entanto, em janeiro de 2008, dona Beloni declara-se, na entrevista, alfabetizada. Sendo questionada sobre como aprendeu a ler, conta que esse foi um processo solitário, que ocorreu depois de adulta, através de rótulos de produtos. Como revela:

"Eu pegava tudo: era caixa, era vidro, qualquer coisa que eu sabia o que tava escrito e, então, eu ficava olhando. Rótulos que eu sabia, ou remédio que eu sabia, ou eu perguntava a palavra pra uma pessoa e ela dizia, e eu ficava ali olhando e repetindo e foi por aí que eu aprendi [...] aquela loucura desde pequenininha aquela vontade de aprender a ler." (Beloni, 07.01.2008).

D. Beloni não frequentou a escola quando estava em idade própria, devido à ausência desta, mas buscou alfabetizar-se depois de adulta, realizando a "loucura... de aprender a ler". Pode-se dizer que "a aprendizagem nas culturas de oralidade primária não se dá, pois, pelo disciplinamento imposto pelo hábito de 'estudar', mas predominantemente pela imitação (...) e o recurso à memória constituem a base dos processos de transmissão do conhecimento" (GALVÃO, 2007, p.29).

Entre as estratégias que dona Beloni utilizou para aprender a ler, está o ato de observar, de "ficar olhando" e repetindo, de perguntar para outra pessoa. Os rótulos disponíveis aproximavam-lhe de um "mundo" do qual estava excluída, o mundo das letras, da cultura escrita. Ao dominar o código escrito dona Beloni satisfaz-se quanto leitora. Para Hébrard, "de nada serve ter aprendido a ler e ler bem, se essa capacidade não se torna o núcleo de um hábito cultural novo" (HÉBRARD, 1996, p.43). Ao incorporar a leitura em suas práticas cotidianas dona Beloni insere-se no mundo da leitura e, em seu relato salienta que através da leitura:

"A gente entra numa viagem, a gente faz uma viagem que é só da gente. Depois de eu começar a ler uma coisa eu me perco. Olha, não tem um passeio, não tem nada melhor que um livro bom e que tu consiga ler." (Beloni 07.01.2008).

A "vontade de aprender a ler" rememorada pela entrevistada, nos convoca a pensar nas seguintes palavras (ABREU, 2004):

Já não é preciso que se façam campanhas para divulgar a importância da leitura e para estimular o "hábito" de ler. Governos, instituições culturais e escolas têm despendido esforços para convencer as pessoas de que "é importante ler", de que "ler é um prazer", mas elas já sabem disso (p. 34).

Complementando as palavras da autora, (BRITTO, 2004, p.49) coloca que: "o problema está muito mais relacionado com as condições de acesso ao livro e à informação que à vontade ou à falta de interesse das pessoas".

A região onde reside dona Beloni, não dispõe de locais para aquisição ou empréstimo de livros, revistas ou jornais, já que o acesso dessas pessoas à cidade é feito com grande dificuldade, e certamente as condições financeiras também são desfavoráveis. No entanto, dona Beloni lançou mão de algumas estratégias para desenvolver a prática da leitura. Por estar residindo em uma escola que fora desativada e muitos livros desprezados no prédio, ela resgatou este material. Assim, os livros jogados no lixo pela antiga escola hoje compõem o seu material de leitura. Além deste, os livros presenteados pelas filhas que moram na zona urbana do município fazem parte da sua "biblioteca particular".

Dentre as decepções desta mãe que é uma mulher "vitoriosa", está o fracasso escolar dos filhos. O que relata com grande tristeza: *"pra mim é um fracasso total os meus filhos não ter continuado estudar, sendo que foi por força de vontade que aprendi. Por isso eu achava que meus filhos iam adorar estudar"* (Beloni, 07.01.2008).

Pode-se dizer que as estratégias utilizadas por dona Beloni para alfabetizar-se nos convocam a pensar novamente nas palavras de Hébrard (HÉRBRARD, 1996, p.58) quando afirma que a alfabetização é "a princípio, uma vontade, nascida da constatação de uma impotência".

A discussão em torno da inserção dos indivíduos na cultura escrita considera que ler e escrever são "produtos culturais de formas de participação social que implicam muito mais que o simples conhecimento de normas de uso do código escrito" (BRITTO, 2004, p.50). Portanto, o pertencimento a cultura escrita não se restringe ao conhecimento e domínio da capacidade de uso da leitura e da escrita, mas para além, ser capaz de conviver em uma sociedade balizada pelo código escrito, estabelecendo relações e podendo utilizar os discursos dessa cultura, nos diferentes espaços e modalidades.

Referências

ABREU, Márcia. Os números da leitura. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**. - 2. ed. - São Paulo: Global, 2004.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**. - 2. ed. - São Paulo: Global, 2004.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, Memória e Narrativa: Elementos para a construção de uma história da cultura escrita. In: GALVÃO, A.M. de O.; MELO, J. F. de; SOUZA, M. J. F. de; RESENDE, P. C. (orgs.). **História da Cultura Escrita: século XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar: Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

SCHAFFNER, Fábio. Mundo esquecido no coração do Rio Grande. **Zero Hora**. Porto Alegre, 2000.

OLIVEIRA, Avelino da Rosa. Marx e a exclusão. Pelotas: Seiva, 2004.

[1] O Município de Piratini, localizado na Zona Sul do Estado do Rio Grande do Sul, encontra-se a uma distância de 100 km da cidade de Pelotas e 350 km da capital Porto Alegre. Piratini foi povoado em 06 de julho de 1789. Com 220 anos, a cidade conta com uma população estimada em 20.655 habitantes (2006) em uma área territorial de 3.561,5 km².

Dados disponíveis no site: <http://www.prefeiturapiratini.rs.gov.br/> acesso em 28/06/2008 às 11:45hs.

[2] Ver também GALVÃO (2007).

[3] Paredão e Costa do Bica estão situados a uma distância de aproximadamente 96 km do centro da cidade.

[4] A palha de santa-fé é retirada de terrenos úmidos, próximos a arroios, e preparada antecipadamente para cobrir a armação do teto.

[5] A palha de santa-fé é retirada de terrenos úmidos, próximos a arroios, e preparada antecipadamente para cobrir a armação do teto.

Gráfico 1. Escolaridade vista por agrupamento, com relação aos 143 moradores da Costa do Bica que estão fora da escola

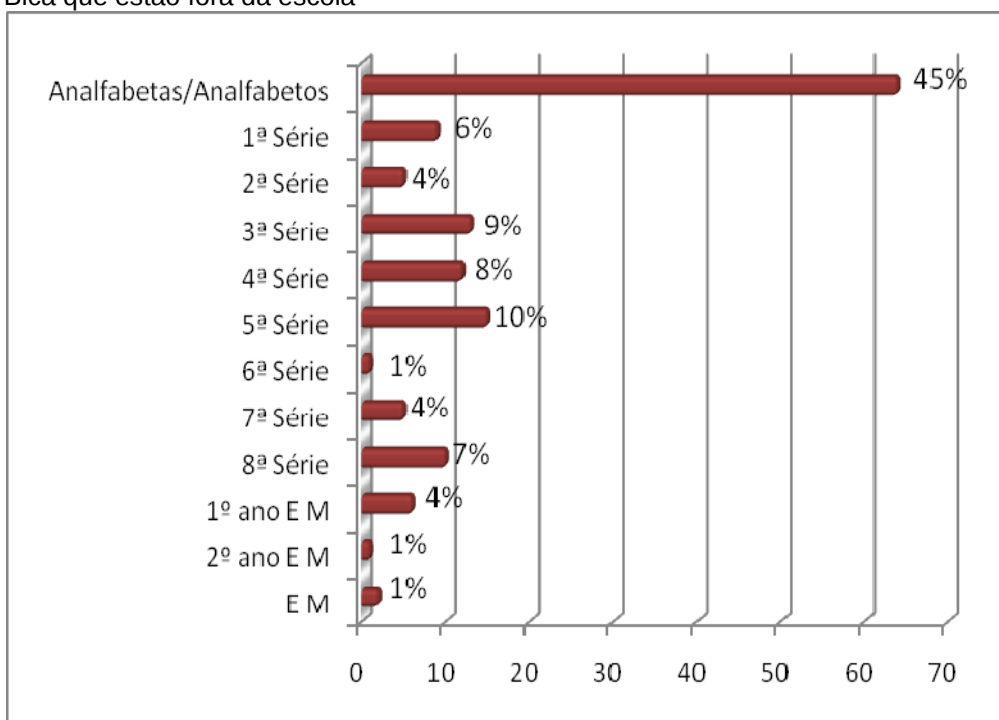


Gráfico 2. Escolaridade vista por agrupamento, com relação aos 116 moradores do Paredão que estão fora da escola

